

Cidade: Lugar do(s) Eu(s)

Refletindo Sobre a Noção de Identidade no Contexto Urbano

*Victor Eiji Issa*¹

Diversidade e Identidade: estas são as duas noções que servem de base para a reflexão a que este ensaio se propõe. Aqui pretendo discutir como, na dinâmica de relações sociais própria das grandes cidades, estes dois conceitos se relacionam, de modo que a diversidade – noção sem a qual não é possível pensar sobre as relações sociais que configuram uma metrópole –, dá ao conceito de identidade uma característica própria, o que leva o pesquisador a ter que tomar cuidado ao trabalhar com tal noção no contexto urbano.

As idéias aqui apresentadas são fruto de uma pesquisa que há cerca de um ano venho fazendo na região da 25 de Março, no centro de São Paulo¹. Mais adiante, falarei sobre a região e, durante a análise mostrarei como a observação, as experiências... a vivência enquanto pesquisador, nessa região, me levaram à reflexão aqui exposta.

Porém é importante deixar claro desde já que neste ensaio meu objetivo não é propor um conceito de *identidade na cidade*. Aqui, o que busco é discutir a relação que há entre a dinâmica social própria das metrópoles e a noção de identidade.

Rita Amaral, em seu texto *Por que a Diversidade faz bem*, escreve:

A Antropologia pensa o fato da diversidade cultural por meio de uma construção teórica que "produz" a dessemelhança no plano dos conceitos. Isso significa que quando a antropologia pensa a diversidade ela não pensa as diferenças observáveis, apenas, mas que atribui a esta noção um lugar específico na explicação dos fatos. A Antropologia tem como princípio metodológico que a diversidade não existe em si mesma, como fato real: para ela, diferença é uma categoria social e relacional que se constrói com base em experiências que se defrontam, cabendo ao antropólogo o esforço de delineá-las a partir de seu ponto de vista teórico. Para a antropologia, ser diferente pressupõe o auto-reconhecimento e o reconhecimento social como tal; a dimensão da identidade (individual ou coletiva) leva sempre, portanto, à dimensão da alteridade. É isso o que define a dupla dimensão da

¹ Aluno de graduação do curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo

identidade: o "ser igual, mas de outro jeito", percebendo-se semelhante aos outros e, ao mesmo tempo, afirmando a própria diferença enquanto indivíduo ou grupo. (AMARAL, 2008)

A diferença, fonte da noção de diversidade, esta “categoria social e relacional que se constrói com base em experiências que se defrontam” é fonte também da noção de identidade, na medida em que *semelhança* diz respeito a uma idéia que exige um parâmetro, um referencial. Só consigo perceber semelhanças quando entendo o que são diferenças. Ou seja, preciso do meu referencial, melhor dizendo, preciso me deparar com o “*outro*” – palavra tão conhecida dos antropólogos. E, como vamos ver adiante, a cidade é um lugar no qual não faltam experiências que se defrontam.

É nesta linha de pensamento que segue este ensaio. Diversidade e identidade são noções vinculadas entre si. Meu objetivo aqui é mostrar como nas cidades, local de encontro dos mais variados “tipos”, a identidade é pensada, melhor dizendo, é *sentida* de forma diferente.

Acima disse não ser possível pensar sobre as relações sociais que se dão nas grandes cidades sem se levar em conta a questão da grande diversidade existente nestes contextos. Bem, então começemos a discussão justamente por essa questão.

A Diversidade na Cidade

O indivíduo em sua vida cotidiana – por mais “simples”, “normal” que seja – vive imerso em diversas, e complexas redes de relações sociais. Ele vive inúmeros papéis, vive diversas “teias de significado”, que se dão simultaneamente e muitas vezes num mesmo espaço, numa realidade que por mais louca que possa parecer, ainda funciona de forma organizada. Ora, lembremo-nos do exemplo dos “relógios de Berlim” que Georg Simmel nos dá em seu clássico *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*:

As relações e oportunidades do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo: mediante a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável. Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma

hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo. (SIMMEL, 2005)

A cidade, pode ser pensada como uma “*bola-de-neve*”.

“*Bola-de-neve*” pois ao mesmo tempo em que é esse “organismo complexo” – engrenado pelas relações, por esta rede de relações que se dá entre seus habitantes – a cidade é justamente o palco no qual o sujeito vive seus diversos papéis, ela é o local onde se tecem e muitas vezes se entrelaçam suas teias de significado. Ou seja, ao mesmo tempo em que é constituída por, a cidade é o local onde é possível que “flua” esta complexa dinâmica social.

E mais, trata-se de uma bola-de-neve que está sempre aumentando. A grande rede de relações que se dão nesse contexto cria um mundo de oportunidades possíveis somente nesse universo. Daí ela ser tão atrativa para pessoas, das mais diversas regiões.

Dessa forma, as grandes cidades concentram pessoas vindas de outras cidades, de outros estados, de outros países. Nessa medida, são contextos nos quais a diversidade se percebe facilmente, nos quais sua presença é significativa. Porém, esta grande e marcante diversidade, característica do contexto urbano, não advém simplesmente do encontro entre cultura oriundas de diferentes lugares. Trata-se de uma relação mais complexa que uma simples “mistura”. Cria-se algo mais que isso.

Como José Guilherme C. Magnani fala em *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole*:

São Paulo – como outras grandes cidades – constitui um espaço privilegiado para experiências desse tipo (o autor se refere à postura do antropólogo, ao “olhar” que este deve ter, diante da grande diversidade cultural existente nas cidades), dada a procedência de seus habitantes, a riqueza de suas tradições culturais, a variedade de seus modos de vida e, por conseguinte, a infinita possibilidade de trocas e contatos que propicia. Mas também *alimenta representações* que a identificam com o *ethos* do trabalho, com a formalidade e frieza das relações impessoais, o anonimato da vida cotidiana (...) (MAGNANI, 2000 p.18) (grifo meu)

A cidade “alimenta representações”, ou seja, sua dinâmica não é simplesmente engrenada pelas relações que se dão em seu meio; ela também engendra uma dinâmica de

relações sociais própria. Porém, uma dinâmica que, como disse acima, pressupõe a diversidade.

É neste sentido que a diversidade constitui uma noção fundamental para que se possa analisar as relações sociais que configuram uma metrópole. Mas, como também já disse acima, neste ensaio o objetivo não é fazer uma análise aprofundada dessas relações. O que se busca é pensar como a noção de identidade está relacionada a essa dinâmica de relações sociais própria das cidades. Então, sigamos com a análise.

A 25 de Março

A região da 25 de Março, no centro de São Paulo, é uma das mais conhecidas: na cidade, no estado, no Brasil. O que faz sua fama e o que move a região é o comércio. Roupas, ferramentas, artigos esportivos, eletrônicos... o leque de mercadorias comercializadas na região é muito grande. Seja vendendo, seja comprando, seja simplesmente olhando, na 25 de Março é a atividade comercial que move as pessoas. Ou melhor, o comércio é movido pelas pessoas. E é isso o que aqui nos interessa.

Se a quantidade de mercadorias impressiona, o fluxo de pessoas que diariamente circulam neste lugar impressiona mais ainda. Mas o fator que mais chama a atenção, ao menos para mim, é a variedade de “tipos” convivendo numa mesma região. A 25 de Março é um ponto da cidade de São Paulo no qual trabalham, seja nas lojas, seja no comércio ambulante, pessoas vindas de outras cidades, outros estados do Brasil, de outros países.

Na sessão anterior, disse que a cidade “funciona” operando de uma forma que, ao mesmo tempo em que é constituída por, ela é o local onde é possível que “flua” sua complexa rede de relações sociais. Disse também que tal rede cria um mundo de oportunidades possíveis somente nesse universo. Daí ela ser tão atrativa para pessoas, das mais diversas regiões. Pois bem, disse isso tendo a região da 25 de Março em mente.

Mas de que forma a vivência nessa região, me levou à reflexão que aqui se está propondo?

Foi a partir da experiência, enquanto pesquisador, neste contexto, que comecei a tomar consciência de algo tão falado nas aulas de antropologia, ou seja, como, nessa disciplina, os conceitos devem ser usados para explicar a realidade que está sendo analisada, porém de uma maneira que estes “falem” de acordo com as categorias “nativas”.

Ou seja, eles devem ser pensados de uma forma coerente com o contexto estudado. Bem, para que o leitor entenda melhor o que quero dizer, falo sobre minha própria experiência.

No começo da pesquisa, eu estava dando mais atenção à dimensão teórica, conceitual da pesquisa do que à análise do universo ao qual me propus estudar. Estava muito centrado no conceito de Identidade, buscava “aplicar” – talvez aqui a palavra devesse ser entendida em seu sentido literal – tal noção, da mesma maneira que lia, por exemplo, em etnologias indígenas. Esquecia que estava fazendo uma pesquisa de campo em um contexto urbano.

Esperava encontrar, por exemplo, um discurso de árabes e chineses no qual a noção de identidade fosse imediatamente percebida. Esperava encontrar um discurso em que se encontrasse, um forte “nós chineses”, um forte “nós árabes”.

Tinha em mente e buscava me deparar com um discurso de uma identidade coletiva, de um “nós” como o que se vê por exemplo em sociedades indígenas. Por exemplo, os Bororo, se autodenominam *Boe*ⁱⁱ, palavra que significa “gente”, assim como os Xavante se autodenominam *Akwê*, palavra de mesmo significado em sua língua. O que quero mostrar com este exemplo é que nessas sociedades a dimensão da identidade, coletiva, se faz tão presente que supera as outras esferas que o indivíduo ocupa em sua vida. Ora, nessas sociedades o indivíduo também tem diversos papéis. Ele é tio-materno; mas em outra ocasião é parte integrante de um ritual; e em outra, encarna algum personagem mítico. Porém, a dimensão do *Boe* fala mais alto, ou seja se tem um forte “nós”, presente na cosmologia.

A meu ver, no início da pesquisa, o que me ocorreu foi o que Magnani comenta em *Quando o Campo é a Cidade*: “No caso da pesquisa antropológica em contexto urbano, está sempre presente, contudo, a “tentação da aldeia”, que é a de encarar o objeto de estudo – uma festa, um ritual, um bairro – como uma unidade fechada e autocentrada”. No início da pesquisa, não me dava conta de um aspecto que o autor lembra logo adiante em seu texto: “Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, em especial, e da modernidade em geral.” (MAGNANI, 2000 p.47)

Bem, com tudo o que foi exposto até agora, podemos passar à parte final.

Cidade: Lugar do(s) eu(s)

Pois bem, uma grande “lição” que aprendi nessa pesquisa foi justamente a diferença que há entre o “padrão-aldeia” – expressão que Magnani usa para se referir à dinâmica de relações sociais próprias desses contextos – e o “padrão-cidade”. E, como seria este padrão?

Acima, ao falar sobre a diversidade na cidade, comecei afirmando que, na cidade, o indivíduo, em sua vida cotidiana, vive diversas e complexas redes de relações sociais. Ele vive inúmeros papéis, vive diversas “teias de significado”, que se dão simultaneamente e muitas vezes num mesmo espaço. E, ao falar sobre minha experiência na 25 de Março, disse que esperava encontrar uma dinâmica semelhante a que ocorre num “padrão-aldeia”, ou seja, uma dinâmica na qual o “nós” é fortemente sentido pelos membros da comunidade, a ponto de superar os demais papéis que estes membros assumem em sua vida individual.

Com isso quero chegar finalmente ao que desde o início deste ensaio venho dizendo ser seu tema central: discutir como nas cidades, local de encontro dos mais variados “tipos”, a identidade é pensada, melhor dizendo, é *sentida* de forma diferente.

Gilberto Velho escreve em *O Desafio da Cidade*:

Vivemos experiências restritas e particulares que tangenciam, podem eventualmente se cruzar e constantemente correm paralelas a outras tão plenas de significado quanto as nossas. *A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos deve iludir a respeito das inúmeras descontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas.* Isto fica particularmente nítido quando fazemos pesquisa em grandes cidades e metrópoles onde a heterogeneidade provinda da divisão do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de inúmeras tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias. Sob uma perspectiva mais tradicional poder-se-ia mesmo dizer que é exatamente isso que permite ao antropólogo realizar investigações na sua própria cidade. (VELHO, 1980 p.16) (grifo meu)

Ora, vivemos trajetórias, experiências e vivências específicas. Ou seja, na cidade, a dimensão do “eu” é a que fala mais alto. A dinâmica de relações sociais própria da cidade funciona de forma que o sujeito, sempre se sente atuando enquanto indivíduo, dificilmente se percebe como membro de uma coletividade. Sobre essa questão veremos um exemplo adiante.

Durante minha pesquisa, esperava sempre encontrar um “nós”, que nunca aparecia. Porém fato curioso e, que merece destaque, é o de que, se no discurso não se encontra um forte “nós chineses”, um forte “nós árabes”, no contexto da 25 de Março se enxerga, se depara com um “os chineses”, um “os árabes” de peso.

Com isso quero dizer que, não há dúvida de que os chineses e os árabes têm seu espaço reconhecido pelos outros segmentos. Tratam-se de comunidades que se pode ver, enxergá-las de fato como tais, tanto em suas redes de relações pessoais – com quem cada indivíduo se relaciona (obviamente, a não ser com relação à clientela) quanto na sua própria organização espacial – no modo como há, dentro dos shoppings, um aglomerado de *boxes* de chineses, um aglomerado de lojas árabes. *Boxes* nos quais, aliás ouve-se um constante “ti-ti-ti” chinês, um “ti-ti-ti” árabe.

Bem, a despeito desse fato, devemos sempre lembrar que estamos no contexto urbano. Ou seja, lembremo-nos mais uma vez das palavra de Magnani, citadas acima: : “Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, em especial, e da modernidade em geral.” Vejamos um exemplo, que ajuda a entender essa questão.

Mohamedⁱⁱⁱ: É um homem de 27 anos, que vem do Egito. Ele é solteiro, está no Brasil há um ano e meio e mora com um irmão. Trabalha como vendedor num shopping na 25 de Março. Ele é muçulmano

Sua loja, dentro do shopping, fica num andar repleto de boxes cujos donos são sírios, libaneses. Durante seu expediente de trabalho, é comum ver chegar em sua loja, amigos com os quais passa um bom tempo conversando, em árabe. Os colegas de trabalho com quem mais tem contato, são também imigrantes vindos de países de cultura árabe.

Porém, ao encerrar seu expediente, Mohamed vai para sua casa, na zona norte de São Paulo. Aos fins de semana e quando tem tempo livre, ele vai ajudar seu irmão, que tem uma pizzeria na zona sul de São Paulo. Ele vai sempre a uma mesquita que fica no Brás.

Ora, Mohamed não vive “fechado” no contexto da 25 de Março. O que quero mostrar com este exemplo, é justamente a questão da multiplicidade de contextos nos quais o indivíduo imerge em sua vida cotidiana nas grandes cidades. Vagner Gonçalves da Silva mostra, em seu livro *O Antropólogo e sua Magia*, como essa questão deve ser levada em conta pelo pesquisador:

Nas pesquisas em sociedades urbanas, devido à heterogeneidade e variação com que os indivíduos participam de diferentes universos de significação e à alta densidade demográfica dessas populações, a observação participante e a coleta de informações são atividades relativamente mais complexas em termos da definição de quantas e quais^{iv} as pessoas com quem estabelecer contato, quais os textos mais adequados para essa observação etc. (SILVA, 2000 p.39)

O exemplo citado acima, também é bom para deixar claro um ponto importante. Nesta discussão é preciso destacar que não estou afirmando que na cidade, não exista a dimensão do “nós”. Meu objetivo é mostrar que, assim como no caso de Mohamed, todos nós, que vivemos em metrópoles, participamos de identidades coletivas, porém cada indivíduo tem trajetórias, experiências e vivências específicas.

E, justamente, o ponto que quero destacar, nesta discussão, é o fato de que no contexto urbano, há uma multiplicidade de identidades. A noção de identidade, nas cidades, é marcada, fortemente, pela grande diversidade que há nesses contextos. Diversidade em duplo sentido: de “tipos” – como vimos no exemplo de Magnani – ou de “papéis” – como vimos no de Gilberto Velho.

Podemos até por um momento, assumir uma identidade dentro da qual nos sentimos imersos – na hora do jogo, sou são-paulino; na hora do treino, sou judoca; em casa, sou filho; e etc. – porém, a não ser em casos específicos, trata-se de uma “imersão momentânea”.

Há uma multiplicidade de diversidades que faz com que a cidade seja o lugar do eu, e mais: dentro de cada indivíduo há uma multiplicidade de “eus”. Diversidade e identidade são duas noções vinculadas e, no contexto das grandes cidades, tal interação ocorre de forma particular.

Concluindo: O que pretendo ter conseguido mostrar neste ensaio é a multiplicidade de facetas que a noção de identidade tem no contexto urbano. Multiplicidade em duplo sentido: no fato de que cada indivíduo, em sua vida na cidade, carrega consigo um grande número de identidades; e, também no fato de que a rede de relações sociais característica das cidades, é fruto justamente do encontro de “experiências que se defrontam”. Por isso, o que espero ter mostrado como a cidade é o lugar do(s) eu(s).

Notas Explicativas

ⁱ Trata-se de um projeto intitulado *O Oriente no Centro de São Paulo: Árabes e Chineses na Vinte e Cinco – Estudando Identidade e Relações Interétnicas*, que inicialmente se propunha a investigar as relações que se dão entre essas duas etnias dentro da 25 de Março. Porém, devido a problemas de ordem prática, o rumo da pesquisa foi mudando no decorrer do trabalho.

ⁱⁱ Não só no que diz respeito às sociedades indígenas, mas várias idéias que exponho neste ensaio são fruto de conversas que tive com Sylvia Caiuby Novaes, grande estudiosa das sociedades Bororo, minha orientadora.

ⁱⁱⁱ Mohamed fez questão que, caso eu fizesse uso de alguma informação obtida através de conversas que tive com ele, fosse citado seu verdadeiro nome.

^{iv} Muitas vezes é a própria pesquisa que vai nos levando a “quais” as pessoas com quem se relacionar. Aqui cabe destacar que Mohamed foi umas das poucas pessoas com quem consegui estabelecer um contato mais próximo em minha pesquisa.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita. Por que a Diversidade faz bem. In: **Os Urbanitas – Revista de Antropologia Urbana**, ano 5, vol. 5, no. 7, julho de 2008.

KORAICHO, Rose. **25 de Março : memória da rua dos árabes : historia da Rua 25 de Março, São Paulo do fim do século XIX ao início do século XXI**. São Paulo: Rose Koraicho, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2000. p.12-53.

_____. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? In: **Os Urbanitas – Revista de Antropologia Urbana**, ano 1, vol.1, no.0, outubro de 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São Paulo, Edusp, 2000

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: **Mana**, vol. 11, no.2, outubro de 2005.

VELHO, Gilberto. O Antropólogo Pesquisando na Cidade: sobre Conhecimento e Heresia. In: **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980. p.13-23.

_____. **A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.